



*Addeus, Tua selvagem!*



O Jornal **pombal**  
tem o patrocínio do



INSTITUTO PORTUGUÊS  
DO DESPORTO  
E JUVENTUDE, I. P.



**miravet**  
PRODUTOS PARA AGRICULTURA E PECUÁRIA, LDA.

Loja 1: Rua da República nº107 • tel. 278 263 263 • fax 278 262 628 • **5370-347 MIRANDELA**  
Loja 2: Rua de Stº António • Tel/Fax 278 616 515 • **5140-095 CARRAZEDA DE ANSIÃES**  
ARMAZÉM: Cruzamento de S. Salvador • Tel. 278 262 855 • **5370 MIRANDELA**  
E-mail: geral@miravet.eu - www.miravet.eu



## DELÍCIA DE ANSIÃES

Rua Jerónimo Barbosa | 5140-077 Carrazeda de Ansiães

● 965 307 759 ● 278 108 717

### Fabrico Próprio

- ✓ Bolos de Casamento
- ✓ Batizado
- ✓ Aniversário
- ✓ Pastelaria Variada
- ✓ Variada gama de pão
- ✓ Folares
- ✓ Pizzas
- ✓ Cachorros
- ✓ Hamburger



## DOCES DA PURI

Puri Fernandes

Beco do Jaime, 30  
5140-182 Parambos  
Carrazeda de Ansiães  
Trás-os-Montes

Telf.: 278 685 233  
E-mail: dapuri@hotmail.com  
<http://docesdapuriieetc.blogspot.com/>  
<http://www.facebook.com/DocesdaPuri>

## Decar, Moveis e Carpintaria

Cozinhas | Quartos | Salas  
Parquet flutuante | Soalhos | Forros  
Todo o tipo de mobiliário por medida

### Loja e Exposição

Rua Tenente Aviador Melo Rodrigues n.85 R/C  
Carrazeda de Ansiães

Celestino Araújo Alves

278615060 | 961867993 | 912093010

Rua Tinta Barroca n.º 74 | 5140-353 Carrazeda de Ansiães



**JMLIMA**  
soc. mediação de seguros

José Lima

TM.: 91 943 55 56  
jmlima.seguros@sapo.pt  
www.jmlimaseguros.com

Rua Bombeiros Voluntários, 196  
5140-060 CARRAZEDA DE ANSIÃES  
T.: 278 616 218 F.: 278 617 953

## Quintinha do Manel

Rua Tenente Aviador Melo Rodrigues  
Carrazeda de Ansiães

Restaurante, Pensão / Residencial

278617487

## SuperMaisAnsiães

Rua Drº José João de Freitas Nº 50 \* 5140-069 - Carrazeda de Ansiães  
Tlf/Fax 278 615 000

**FICHA TÉCNICA****Nome**

O Pombal

**Propriedade**Associação Recreativa e Cultural  
de Pombal de Ansiões**Nº de Pessoa Coletiva**

500 798 001

**Publicação Registada na D.G.C.S.**

122017

**Depósito Legal**

129192/98

**Diretora**

Fernanda Natália Lopes Pereira

**Paginação e Composição**

João Miguel Almeida Magalhães

**Redação e Impressão**Largo da Igreja, 1 - Pombal de Ansiões  
5140-222 Pombal CRZ  
Telef. 278 669 199  
E-mail: [jornalopombal@gmail.com](mailto:jornalopombal@gmail.com)  
[jornal@arcpa.pt](mailto:jornal@arcpa.pt)**Home Page**<http://www.arcpa.pt>**Redatores**

Tiago Baltazar; Patrícia Pinto; Liliana Carvalho.

**Fotografia**

Fernando Figueiredo; Eduardo Teixeira; Fernanda Natália

**Colaboradores**Vitor Lima; Fernando Figueiredo;  
Fernando Campos Gouveia; Flora Teixeira; Manuel Barreiras  
Pinto; Catarina Lima; José Mesquita; Fátima Santos; Adriana  
Teixeira; Susana Bento; Matilde Teixeira; Hermínia Almeida;  
(Os artigos assinados são de exclusiva responsabilidade dos seus autores)**Tiragem Média**

500 Exemplos

**Preço**O jornal O POMBAL é gratuito para os  
residentes em Pombal de Ansiões  
Assinatura Anual (Sócios)  
Portugal: 8,00 Euros;  
Europa: 18,00 Euros;  
Resto do Mundo: 25,00 Euros  
Assinatura Anual (Não Sócios)  
Portugal: 12,00 Euros; Europa: 25,00 Euros;  
Resto do Mundo: 35,00 Euros**Pontos de Venda**Sede da ARCPA (Pombal);  
Papellaria Horizonte; Ourivesaria Cardoso;  
Papellaria Nunes  
(Carrazeda de Ansiões)  
Livraria/Papellaria CLIP  
(Vila Flor)

FUNDADO EM 1 DE JANEIRO 1997

# EDITORIAL

**Fernanda  
Natália**

Na infância, a idade da inocência, é comum construirmos imagens de conceitos, pessoas e coisas que ficam de tal modo enraizadas que nos custa a interiorizar ideias diferentes. É assim que vamos inconscientemente ficando com ideias pré concebidas, que muitas vezes levam ao preconceito. Por outro lado, nessa idade também aceitamos o que os adultos nos dizem como verdades absolutas.

Recordo-me de ficar a ver passar o comboio na linha do caminho-de-ferro de Benguela e acreditar piamente que as baforadas de fumo que saíam da locomotiva a vapor eram as responsáveis pelas nuvens que eu via no céu azul, um azul único, o de África. Mas também me lembro de nos passeios em família, aos domingos (e só depois da primavera marcelista porque antes a semana de trabalho eram mesmo sete dias), passar por um edifício imponente, de cuja parede sobressaía uma escultura de uma mulher com os olhos vendados e com uma balança na mão esquerda e uma espada na mão direita. Tudo muito estranho para mim que só estava habituada a ver algo idêntico nos números de ilusionismo. As minhas perguntas eram muitas e insistentes e recebia sempre como resposta que aquele era um edifício de muito respeito. Mais tarde fiquei a saber que era um tribunal e a que se destinava. Desvendei o mistério da senhora de olhos vendados e soube que representava a Justiça porque, me diziam, a “justiça é cega”. Aqui deu-se-me um nó górdio no cérebro. Então se a justiça é cega não “vê” o que faz! Que não, que aquilo, significava a imparcialidade com que tratavam os processos e que a justiça é representada com os olhos vendados tanto na tradição grega (deusa Temis), como romana (deusa Iustitia). Os olhos vendados, simbolizam e transmitem a ideia de que diante da lei, todos são iguais.

Recentemente, descobri que em Portugal, foi um alvará de 13 de janeiro de 1642 que proibiu os analfabetos de serem juízes. Se o meu raciocínio está correto, isto significa que antes, muitos dos que aplicavam a justiça assinavam de cruz os seus veredictos.

Mas tudo mudou. Hoje, seguir a carreira da Justiça implica muitos anos de estudo, ter muita capacidade para memorizar o código penal e outros, ter muito gosto pela profissão que nem sempre é bem vista, nem usufrui dos apoios que precisa. Ora, chegada a este ponto, surge-me a conflituosidade gerada em torno dos tribunais que acabaram até por se tornar em arma de arremesso da política. Fecham-se e abrem-se tribunais. Primeiro muitas pessoas foram obrigadas a deslocarem-se para continuar a exercer a sua profissão, agora diz-se que faltam recursos humanos. Dizem-nos que a nova medida vai beneficiar, entre outras coisas, milhares de pessoas idosas. Verifico que os números avançados são os da caracterização demográfica. Será que esses idosos vão todos ter processos em tribunal? Não seria melhor beneficiá-los em termos de apoios na saúde, com um horário mais alargado nos Centros de Saúde? E um tratamento mais humano e digno nos centros hospitalares?

Eureca! Eureca! Afinal a senhora está com os olhos vendados porque não quer ver o que fizeram e andam a fazer com a Justiça e até com a Saúde, ou seja, com tudo a que os cidadãos têm direito.



# OURIVESARIA CARDOSO

de

**José Alberto Pinto Pereira**

Rua Luís Camões

Telef. 278 617 284 - 5140 Carrazeda de Ansiães



Tlf.: 278 610 040

Tlm.: 917 838 018

Fax: 278 610 049

vanguardalda@gmail.com

Delegado Centro Sul (Coimbra)

Arq. Jaime Veiros Tlm.: 917837198

Rua Marechal Gomes da Costa, 319, 1º Dtº  
5140-083 Carrazeda de Ansiães



## RÁDIO ANSIÃES, C.R.L.

Rua Tenente Aviador Melo Rodrigues  
5140-100 Carrazeda de Ansiães

Internet: [www.radioansiaes.pt](http://www.radioansiaes.pt)

E-mail: [geral@radioansiaes.pt](mailto:geral@radioansiaes.pt)

Dep. Comercial: 910 043 373

### Participar nos programas:

Telefone: 278616295

SMS: 912217320

[musica@radioansiaes.pt](mailto:musica@radioansiaes.pt)

### Publicidade:

910043373

278616365

Email: [geral@radioansiaes.pt](mailto:geral@radioansiaes.pt)

A Rádio Ansiães apoia a ARCPA, ciente da colaboração  
no progresso do concelho de Carrazeda de Ansiães.

## Ex.mo(s) Senhor(es) Associados/Assinantes

Caso pretendam receber o jornal, deverão recortar/copiar e preencher a Ficha de Assinatura abaixo e enviá-la para a ARCPA, com o respectivo meio de pagamento ou comprovativo de transferência bancária dos valores indicados, para as seguintes contas:

Caixa de Crédito Agrícola Mútuo (C.a Ansiães)

IBAN - PT50 0045 2190 40052054541 39

JORNAL - O POMBAL

FICHA DE ASSINATURA

NOME - \_\_\_\_\_

MORADA - \_\_\_\_\_

LOCALIDADE - \_\_\_\_\_ CÓD. POSTAL - \_\_\_\_\_ - \_\_\_\_\_

PAÍS - \_\_\_\_\_

### SÓCIOS ARCPA

Assinatura anual

- 8,00 Euros PORTUGAL

- 18,00 Euros EUROPA

- 25,00 Euros RESTO DO MUNDO

### NÃO SÓCIOS

Assinatura anual

- 12,00 Euros PORTUGAL

- 25,00 Euros EUROPA

- 35,00 Euros RESTO DO MUNDO

ENVIO CHEQUE No \_\_\_\_\_ BANCO \_\_\_\_\_

VALE POSTAL No - \_\_\_\_\_

ou comprovativo de transferência bancária com a identificação do assinante

DATA - \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_ Assinatura - \_\_\_\_\_

Envie para: Jornal O POMBAL \* Largo da Igreja, 1 POMBAL

5140-222 POMBAL CRZ - CARRAZEDA DE ANSIÃES

Obs.: O pagamento deverá ser efectuado no início de cada ano.

## CONTACTOS ÚTEIS

Carrazeda de Ansiães

### Câmara Municipal:

Telef. 278 610 200 Fax. 278 616 404

### Bombeiros Voluntários:

Telef. 278 616 104 Fax. 278 615 186

### Guarda N. Republicana:

Telef. 278 610 020

### Centro de Saúde (Urgência):

Telef. 278 610 050 Fax. 278 616 706

### Sta Casa da Misericórdia ( Lar de Idosos ):

Telef. 278 616 747 Fax. 278 616 748

### Águas de Carrazeda(Serviços de Águas e Saneamento):

Telef. 278 617 736

### Farmácia Rainha:

Telef. 278 616 250

### Farmácia Veiga:

Telef. 278 617 119

### Caminhos de Ferro (Estação de Tua):

Telef. 278 685 177

### Direcção Regional de Agricultura:

Telef. 278 616 361

### Escola de Condução:

Telef. 278 616 278

### Escola E-B-2,3 ( Escola Secundária ):

Telef. 278 618 190 Fax. 278 618 198

### Centro Regional de S. Social:

Telef. 278 616 147 Fax. 278 616 251

### Conservatória Predial e Civil:

Telef. 278 616 164 Fax. 278 615 327

### Cartório Notarial:

Telef. 278 616 141

### Serviço de Finanças:

Telef. 278 616 236

### Tesouraria da Fazenda Pública:

Telef. 278 616 461

### Centro Social e Paroquial de Pombal (Lar de Idosos):

Telef. 278 669 315



BORGES PINTO & FERREIRA, LDA.

Confeitaria e Pastelaria, Restaurante  
Snack-Bar, Salão de Chá e Café

Rua do Campo Alegre, 654  
Telefone 226 068 646  
4150-171 PORTO



Largo do Chafariz - 5070 Alijó  
Telef. 259 956 691

Rua Luís de Camões, 791 - 5140 Carrazeda de Ansiães  
Telef. 278 616 335

Av. das Amoreiras, 130 - 5370 Mirandela  
Telef. 278 265 213  
Telem. 912 224 418



## Regulamento Cedência do Salão

Sócio(a) / Filho(a) de Sócio(a) / Cônjuge

Dias	Salão	Loiças	Cozinha	Salão/Loiças/Cozinha
1	40€	15€	30€	75€
3/4	100€	40€	80€	200€

Não Sócio(a)

Dias	Salão	Loiças	Cozinha	Salão/Loiças/Cozinha
1	80€	30€	60€	150€
3/4	200€	80€	150€	300€

Obs: Para este efeito, as regalias de sócio, adquirem-se desde que se seja sócio(a) há mais de um ano, na data do pedido.

O salão deverá ser sempre pedido por escrito, com uma antecedência adequada.

Para casamentos, principalmente no Verão e datas festivas, a antecedência deverá ser, no mínimo de três meses,

Os pedidos serão objecto de apreciação e decisão, por ordem de chegada. Sempre que os pedidos sejam coincidentes, os sócios terão preferência sobre os não-sócios.



Especialidades da Casa:  
Carnes:

Veado, Javalí, Coelho Bravo, Perdiz e Arroz de Leão

Peixes:

Polvo, Bacalhau, Enguias, e Peixinhos do Nosso Rio

Agência: TOTOBOLA - TOTOLOTO

ESPLANADAS DE LAZER

E PAISAGENS ESPECTACULARES

Restaurante  
**CALÇA CURTA**

Telef. 278 685 255  
5145-133 TUA

# O NOVO TALHO NOVO



**talhonovo@hotmail.com**  
**Carrazeda de Ansiães**

**Visite o nosso site**  
**www.arcpa.pt**

**SERRALHARIA A NOVA**  
DE: Albino Augusto Carvalho  
**— FERRO E ALUMÍNIO —**

Zona Industrial, Lote 6 \* Telef/Fax 278 615 268  
Telm: 917 601 847 \* 5140-105 CARRAZEDA DE ANSIÃES

Jornal "O Pombal" n.º 233 de 31 de maio de 2016



Conservatória dos Registos Civil, Predial e Comercial e Cartório Notarial de Carrazeda de Ansiães

#### CERTIDÃO

Certifico, para fins de publicação, nos termos do artº. 100º do código do notariado, que por escritura de justificação notarial, outorgada neste cartório notarial, em 20/05/2016, lavrada a partir de cento e onze do respetivo livro de notas número oitenta e três C,

Manuel Jerónimo Cordeiro, NIF 157 693 910, e mulher Alzira dos Santos Gomes Cordeiro, NIF 157 693 899, casados sob o regime da comunhão de adquiridos, naturais ele da freguesia de Amedo, concelho de Carrazeda de Ansiães, e ela da freguesia de Vieiras, concelho de Mirandela, residentes na Rua de Camões, n.º 68, Areias, freguesia de Amedo e Zedes, concelho de Carrazeda de Ansiães, declararam:

Que, com exclusão de outrem, são possuidores dos bens imóveis, situados na freguesia de Amedo e Zedes, concelho de Carrazeda de Ansiães, que totalizam o valor patrimonial para efeitos de IMT de € 3626,61:

(extinta freguesia de Amedo)

Verba n.º 1

Natureza: rústica

Composição: terra de horta e pastagem com sobeiros e oliveira

Confinantes: Manuel Seixas (Norte); José Maria Sampaio (Sul); caminho (Nascente); caminho (Poente)

Situação: Genamigo

Artigo Matricial: 1167 (anteriormente inscrito sob o artigo 888 da extinta freguesia de Amedo)

Área: 3175 metros quadrados

Valor Patrimonial tributário: € 1340,89

Descrição predial: não descrito na Conservatória do Registo Predial de Carrazeda de Ansiães

Verba n.º 2

Natureza: rústica

Composição: pinhal

Confinantes: Augusto Moreira (Norte); caminho (Sul); José Pinto (Nascente); António Barbosa (Poente)

Situação: Sangrinhal

Artigo Matricial: 1711 (anteriormente inscrito sob o artigo 1169 da extinta freguesia de Amedo)

Área: 3000 metros quadrados

Valor Patrimonial tributário: € 123,35

Descrição predial: não descrito na Conservatória do Registo Predial de Carrazeda de Ansiães

Verba n.º 3

Natureza: urbana

Composição: prédio com dois andares

Confinantes: Basília Santos (Norte); rua (Sul); João Madeira (Nascente); Basília Santos (Poente)

Situação: Rua das Chãs, Areias

Artigo Matricial: 58 (anteriormente inscrito sob o artigo 36 urbano da extinta freguesia de Amedo)

Área: coberta 25 metros quadrados

Valor Patrimonial: € 1100,00

Descrição predial: não descrito na Conservatória do Registo Predial de Carrazeda de Ansiães

Verba n.º 4

Natureza: rústica

Composição: terra de centeio

Confinantes: Francisco António Santos (Norte); José Cruz (Sul); Augusto Moreira (Nascente); Francisco Lopes Seixas (Poente)

Situação: Breuma

Artigo Matricial: 963 (anteriormente inscrito sob o artigo 780 da extinta freguesia de Amedo)

Área: 3040 metros quadrados

Valor Patrimonial tributário: € 84,00

Descrição predial: não descrito na Conservatória do Registo Predial de Carrazeda de Ansiães

Verba n.º 5

Natureza: rústica

Composição: fragada que produz pastagem

Confinantes: João Serafim (Norte); Aníbal C. Oliveira (Sul); Francisco H. Seixas (Nascente); António M. C. Madeira (Poente)

Situação: Cabeços

Artigo Matricial: 732 (anteriormente inscrito sob o artigo 661 da extinta freguesia de Amedo)

Área: 7200 metros quadrados

Valor Patrimonial tributário: € 66,32

Descrição predial: não descrito na Conservatória

do Registo Predial de Carrazeda de Ansiães

Verba n.º 6

Natureza: rústica

Composição: terra de centeio com castanheiros, videiras e árvores de fruto

Confinantes: António Manuel C. Madeira (Norte); caminho (Sul); João Sousa (Nascente); herdeiros de Alfredo Pereira (Poente)

Situação: Sainça

Artigo Matricial: 816 (anteriormente inscrito sob o artigo 704 da extinta freguesia de Amedo)

Área: 8625 metros quadrados

Valor Patrimonial tributário: € 617,61

Descrição predial: não descrito na Conservatória do Registo Predial de Carrazeda de Ansiães

Verba n.º 7

Quota-parte: uma quarta parte indivisa

Natureza: rústica

Composição: terra de lameiro e uma fragada de pastagem

Situação: Sangrinhal

Artigo Matricial: 1705 (anteriormente inscrito sob o artigo 1166 da extinta freguesia de Amedo)

Área: 19500 metros quadrados

Valor Patrimonial correspondente à fração: € 294,44

Descrição predial: descrito na Conservatória de Registo Predial de Carrazeda de Ansiães sob o número setecentos e quarenta e um, com inscrição de aquisição de metade indivisa a favor de António Renato Moreira, conforme apresentação 1082 de 2009/10/23

Que atribuem a cada um dos bens imóveis o respetivo valor patrimonial.

Que, entraram na posse dos indicados prédios no ano de mil novecentos e oitenta e um, já no estado de casados, por doação meramente verbal que nunca foi reduzida a escritura pública, feita em dia e mês que não podem precisar, por Manuel Luís Cordeiro que foi casado com Maria Luísa Beira Grande, no regime da comunhão geral, que foi residente na dita Areias.

Que, deste modo não possuem título formal que lhes permita registar na aludida Conservatória do Registo Predial os identificados imóveis, todavia, desde o citado ano, data em que se operou a tradição material dos mesmos, eles justificantes, já possuem, em nome e interesse próprios, os prédios em causa, tendo sempre sobre eles praticado todos os atos materiais de conservação, uso e aproveitamento, tais como, nos prédios rústicos, amanhando-os, semeando-os, cultivando-os, colhendo os produtos semeados, e no prédio urbano, de conservação, uso e aproveitamento, tais como, fazendo as necessárias obras de limpeza e conservação, a expensas suas, desde então utilizando-o como casa de arrumos, cuidando-o, nele guardando os seus haveres e demais pertences, aproveitando, assim, deles todas as suas correspondentes utilidades, agindo sempre como seus proprietários, quer na sua fruição, quer no suporte dos seus encargos, tudo isso realizado à vista de toda a gente, sem qualquer ocultação, de forma continuada, ostensiva e ininterrupta desde o seu início, sem qualquer oposição ou obstáculo de quem quer que seja e sempre no convencimento de o fazerem em coisa própria, tendo, assim, mantido e exercido sobre os identificados prédios, durante mais de vinte anos e com o conhecimento da generalidade das pessoas vizinhas, uma posse pública, pacífica, contínua e em nome próprio, pelo que adquiriram os citados prédios rústicos e urbano por usucapião, que expressamente invocam para justificar o seu direito de propriedade para fins de primeira inscrição no registo predial, direito esse que pela sua própria natureza não pode ser comprovado por qualquer título formal extrajudicial. Extrai a presente certidão de teor parcial que vai conforme o seu original, e na parte omitida nada há em contrário que amplie, restrinja, modifique ou condicione a parte transcrita. 20.05.2016. A Conservadora, (Ana Paula Pinto Filipe da Costa) Conta registada sob o n.º 346.

Jornal "O Pombal" n.º 233 de 31 de maio de 2016



Conservatória dos Registos Civil, Predial e Comercial e Cartório Notarial de Carrazeda de Ansiães

#### CERTIDÃO

Certifico, para fins de publicação, nos termos do artº. 100º do código do notariado, que por escritura de justificação notarial, outorgada neste cartório notarial, em 24/05/2016, lavrada a partir de cento e vinte e quatro do respetivo livro de notas número oitenta e três C,

José de Castro Teixeira, NIF 104 223 430, e mulher Luísa de Jesus Lima, NIF 156 792 621, casados sob o regime da comunhão geral, naturais da freguesia e Pinhal do Norte, concelho de Carrazeda de Ansiães, onde residem na Brunheda, declararam:

Que, com exclusão de outrem, são legítimos possuidores de um prédio urbano sito na Rua da Capela, freguesia de Pinhal do Norte, concelho de Carrazeda de Ansiães, composto por casa de rés-do-chão e primeiro andar, com a área coberta de vinte e oito metros quadrados, inscrito na respetiva matriz sob o artigo 553 (anteriormente inscrito sob o artigo urbano 298), com o valor patrimonial de €7 470,00, igual ao que lhe atribuem, descrito na competente conservatória sob o número seiscentos e dezassete, com aquisição registada a favor de Lúcia Bernardete Ferreira de Sousa, José Augusto Ferreira, António Alexandre Ferreira dos Santos e Esmeralda Suzete, conforme apresentação um de vinte e oito de julho de mil novecentos e noventa e sete. Que, apesar do prédio indicado estar ali inscrito a favor dos referidos Lúcia Bernardete Ferreira de Sousa, José Augusto Ferreira, António Alexandre Ferreira dos Santos e Esmeralda Suzete, o mesmo é pertença dos justificantes. Que adquiriram o identificado prédio urbano em dia e mês que não podem precisar no ano de mil

novecentos e noventa e um, por compra meramente verbal que nunca foi reduzida a escritura pública a Leopoldina Pinto, que foi viúva e residente em Brunheda freguesia de Pinhal do Norte, Carrazeda de Ansiães, já falecida.

Que, deste modo não possuem título formal que lhes permita registar na aludida Conservatória do Registo Predial o identificado imóvel, todavia, desde o citado ano, data em que se operou a tradição material do mesmo, eles justificantes, já possuem, em nome e interesse próprios, o prédio em causa, tendo sempre sobre ele praticado todos os atos materiais de conservação, uso e aproveitamento, tais como, fazendo as necessárias obras de limpeza e conservação, a expensas suas, desde então utilizando-o como casa de habitação, cuidando-o, nele guardando os seus haveres e demais pertences, aproveitando, assim, dele todas as suas correspondentes utilidades e pagando todas as contribuições e impostos por ele devidos, agindo sempre como seus proprietários, quer na sua fruição, quer no suporte dos seus encargos, tudo isso realizado à vista de toda a gente, sem qualquer ocultação, de forma continuada, ostensiva e ininterrupta desde o seu início, sem qualquer oposição ou obstáculo de quem quer que seja e sempre no convencimento de o fazerem em coisa própria, tendo, assim, mantido e exercido sobre o identificado prédio, durante mais de vinte anos e com o conhecimento da generalidade das pessoas vizinhas, uma posse pública, pacífica, contínua e em nome próprio, pelo que adquiriram o citado prédio por usucapião, que expressamente invocam para justificar o seu direito de propriedade para fins de primeira inscrição no registo predial, direito esse que pela sua própria natureza não pode ser comprovado por qualquer título formal extrajudicial. Extrai a presente certidão de teor parcial que vai conforme o seu original, e na parte omitida nada há em contrário que amplie, restrinja, modifique ou condicione a parte transcrita.

24.05.2016. A Conservadora, (Ana Paula Pinto Filipe da Costa) Conta registada sob o n.º 362.

Jornal "O Pombal" n.º 233 de 31 de maio de 2016



Conservatória dos Registos Civil, Predial e Comercial e Cartório Notarial de Carrazeda de Ansiães

#### CERTIDÃO

Certifico, para fins de publicação, nos termos do artº. 100º do código do notariado, que por escritura de justificação notarial, outorgada neste cartório notarial, em 19/05/2016, lavrada a partir de cento e uma do respetivo livro de notas número oitenta e três C, Maria Fernanda Trigo Meireles, NIF 152 290 087, natural da freguesia de Fonte Longa, concelho de Carrazeda de Ansiães, viúva, residente na Rua das Amoreiras, n.º 12, freguesia e concelho de Torre de Moncorvo, declarou:

Que, com exclusão de outrem, é dona e legítima possuidora dos seguintes bens imóveis, situados na freguesia de Fonte Longa, concelho de Carrazeda de Ansiães:

UM) prédio urbano sito na Praça da República, composto por dois palheiros, com a área coberta de quarenta e sete metros quadrados, inscrito na respetiva matriz sob os artigos 223, 224, 225, 226 e 227, com o valor patrimonial de € 940,00, descrito na competente conservatória sob o número oito mil seiscentos e vinte e cinco do livro B vinte e dois a folhas cento e oitenta e três verso, com aquisição registada a favor de Maria Esperanza Vicente Franqueira e Bartol, pelas inscrições números quatro mil quinhentos e quarenta e nove do livro G sete, quatro mil duzentos e quarenta e sete do livro G seis e três mil quatrocentos e trinta e três do livro G seis; DOIS) prédio urbano sito na Praça da República, composto por casa, com a área coberta de quarenta e sete metros quadrados, inscrito na respetiva matriz sob os artigos 218, 219, 220, 221 e 222, com o valor patrimonial de € 830,00, descrito na competente conservatória sob o número oito mil seiscentos e dezassete do livro B vinte e dois a folhas cento e setenta e nove verso, com aquisição registada a favor de Maria Esperanza Vicente Franqueira e Bartol, pelas inscrições números quatro mil quinhentos e quarenta e nove do livro G sete, quatro mil duzentos e quarenta e sete do livro G seis e três mil quatrocentos e trinta e três do livro G seis. Que, apesar dos prédios indicados estarem ali inscri-

tos a favor da referida titular inscrita Maria Esperanza Vicente Franqueira e Bartol, os mesmos são pertença da justificante. — Que, entrou na posse dos referidos prédios em dia e mês que não pode precisar no ano de mil novecentos e noventa e quatro, já estado de viúva, por doação meramente verbal que nunca foi reduzida a escritura pública feita por Manuel Augusto Trigo, que foi casado com Maria Adelaide Matos e residente na dita Fonte Longa.

Que, deste modo não ficou a dispor de título formal que lhe permita registar na Conservatória do Registo Predial de Carrazeda de Ansiães a aquisição da propriedade dos identificados prédios, porém, desde o citado ano, data em que se operou a tradição material dos mesmos, ela justificante, já possui, em nome e interesse próprios, os prédios em causa, tendo sempre sobre eles praticado todos os atos materiais de conservação, uso e aproveitamento, tais como, fazendo as necessárias obras de limpeza e conservação, a expensas suas, desde então utilizando-os como casa de habitação e de arrumos, cuidando-os, neles guardando os seus haveres e demais pertences, aproveitando, assim, deles todas as suas correspondentes utilidades e pagando todas as contribuições e impostos por ele devidos, agindo sempre como sua proprietária, quer na sua fruição, quer no suporte dos seus encargos, tudo isso realizado à vista de toda a gente, sem qualquer ocultação, de forma continuada, ostensiva e ininterrupta desde o seu início, sem qualquer oposição ou obstáculo de quem quer que seja e sempre no convencimento de o fazer em coisa própria, tendo, assim, mantido e exercido sobre os identificados prédios, durante mais de vinte anos e com o conhecimento da generalidade das pessoas vizinhas, uma posse pública, pacífica, contínua e em nome próprio, pelo que adquiriu os citados prédios por usucapião, que expressamente invoca para justificar o seu direito de propriedade para fins de primeira inscrição no registo predial, direito esse que pela sua própria natureza não pode ser comprovado por qualquer título formal extrajudicial. Extrai a presente certidão de teor parcial que vai conforme o seu original, e na parte omitida nada há em contrário que amplie, restrinja, modifique ou condicione a parte transcrita. 19.05.2016. A Conservadora, (Ana Paula Pinto Filipe da Costa) Conta registada sob o n.º 335.





## Nação Pátria e Estado

*José Mesquita*



Numa altura em que o fenómeno da migração é cada vez mais insistente, com temas como os refugiados, acolhimento e integração a surgirem na ordem do dia, irei produzir algumas reflexões sobre a identidade nacional. Numa tentativa de clarificar este conceito, apresento três exemplos que se consideram diferentes perspetivas de abordagem da nacionalidade, do sentimento de pátria e a pertença a um estado.

O primeiro reporta ao conceito de nacionalidade. Na sociedade antiga os laços de pertença, muito mais que a um país e a um continente, eram com o senhor da terra ou à comunidade a que se pertencia. Conta-se o episódio do rei D. Luís, que, ao questionar um conjunto de pescadores a bordo de um barco de pesca se eram portugueses, surpreendeu-o a resposta: “Não meu senhor, nós somos da Póvoa de Varzim!”. Pode concluir-se que a larga maioria da população analfabeta do país não tinha consciência da pertença ao estado português. A sua ligação territorial ficava-se pelo espaço de nascimento. Muito mais que a nacionalidade,

importava a naturalidade. Pátria, para um camponês ou um pescador era a sua aldeia, a sua quinta, o seu senhor, o terreno que agricultava ou o mar onde pescava.

O segundo exemplo refere-se ao sentimento patriótico que teve como modelo a ideologia do Estado Novo. Desde os bancos da chamada Escola Primária, se inculcava o orgulho de ser português a todas as crianças, sugerindo a natureza do território, a sacralidade, a sua inviolabilidade e venerabilidade. Em 1958, escrevia-se assim no Livro de Leitura da 3ª Classe:

Menino, sabes o que é a Pátria?

A Pátria é a terra em que nascemos, a terra em que nasceram os nossos pais e muitas gerações de portugueses como nós.

É a nossa Pátria todo o território sagrado que D. Afonso Henriques começou a talhar para a Nação Portuguesa, que tantos heróis defenderam como o seu sangue ou alargaram com sacrifício de suas vidas. É a terra em que viveram e agora repousam esses heróis, a par de santos e de sábios, de escritores e de artistas geniais. A Pátria é a mãe de nós todos os

que já se foram, os que vivemos e os que depois de nós não de vir...

A identidade era um ato sagrado de amor incondicional à Pátria, de defesa do solo sagrado e eterno, nem que fosse em troca da própria vida, os feitos dos antepassados deveriam inflamar no coração dos aqui nascidos e modelar comportamentos e virtudes.

Atualmente, o conceito está associado a ser ou não cidadão nacional. Para a administração do país, o que distingue os portugueses dos estrangeiros é a posse ou não do bilhete de identidade ou cartão de cidadão independentemente da religião, língua, raça, pensamento... O artigo 4.º da Constituição Portuguesa estipula: “São cidadãos portugueses, todos aqueles que como tal sejam considerados pela lei ou por convenção internacional”. O princípio básico da nacionalidade portuguesa é o *ius sanguinis* (direito de sangue), ou seja, é cidadão, o indivíduo filho de pai português ou mãe portuguesa. Em alguns casos específicos, tal direito é estendido aos netos. Pode ainda adquirir-se a nacionalidade pelo

chamado *ius solis* (o direito ao solo), instituído pelo casamento e residência há mais de seis anos, ou mais recentemente, como parece querer institucionalizar-se pela pressão dos interesses económicos, pela aquisição monetária ou investimento em solo português.

Esta e outras conceções ainda moldam a nossa existência coletiva, como o país dos brandos costumes, do carácter melancólico dos portugueses que levariam a uma larga especulação. Porém, em vez de generalizações coletivas, algumas clarificações. De forma sucinta, definiremos os conceitos que estão subjacentes aos exemplos apresentados: Nação, Estado e Pátria. Enquanto o estado pressupõe uma agregação de povos, resultado ou não de um arranjo, mesmo que artificial; a nação está ligada à natureza dos povos, a uma história e muitas vezes a uma língua comuns; a pátria subentende uma pertença muito estreita e direta, quase mítica. Continuaremos...



## Prova de Vinhos na ARCPA

*Tiago Baltazar*

Decorreu, no passado dia 24 de Abril, mais uma edição daquela que é a mais tradicional das iniciativas da ARCPA.

Foi a vigésima segunda edição da Prova dos Vinhos. Este ano decorreu nos moldes da edição do ano anterior que, na opinião dos presentes, foi de muito bom resultado.

A prova deste ano apresentou perto de vinte e nove expositores e mais de trinta vinhos, entre tintos e brancos.

Paralelamente, esteve também disponível uma mostra de artigos da região, queijos, fumeiros, pão e artesanato variado.

A festa foi abrilhantada pela Tuna do ISCAP, Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto, que trouxe a alegria habitual que qualquer tuna tem, bem como o mesmo gosto pelo grande ingrediente da festa, o vinho.

Perante uma manhã que começou com um sol tímido, a tarde revelou-se quente e soalheira e assim, desta maneira, se registaram perto de trezentas entradas no salão para a tão afamada prova.

Este ano é de salientar a presença de um grande número de forasteiros que vieram até ao Pombal provar os nossos néctares. De facto, pôde observar-se a participação de muitos “habitués”, muitas caras conhecidas mas também bastantes pessoas que não costumam marcar presença para estas bandas, o que é bom sinal.

Sobre a mesa, os habituais petiscos que acompanham os vinhos, forma ajudando a ganhar algum lastro, que a empresa é arrojada e há que ganhar forças para poder dar uso ao copo que se recebe à entrada.

Uma vez mais, todos os vinhos foram previamente analisados e os expositores foram brindados com um pequeno brinde, um aplicativo agrícola.

No final, uma nota positiva para mais esta atividade da Associação Recreativa e Cultural de Pombal de Ansiães.











# Passeio pedestre

## Um grande sucesso!

Catarina Lima



Mais um ano, mais uma edição do Passeio Pedestre “Rota das Maias”, que desta vez bateu o recorde de participantes com cerca de 170 pessoas inscritas!

De facto, talvez pelo facto de ser quiçá a ultima oportunidade de caminhar naquele trajeto antes de ele ficar definitivamente submerso, seja pelo marketing efetuado, seja por que motivo foi, o certo é que acorreram à chamada o maior número de caminheiros de que temos memória. Está de parabéns a ARCPA, estão de parabéns os caminheiros e toda a organização que porfiou para dar o seu melhor, com o objetivo de bem receber os que nos visitam.

Entre os caminheiros, muitas caras conhecidas mas também muitas caras novas que, esperamos, seja o sinal de que o êxito destes passeios não se ficará por aqui.

Eram 8 horas quando come-

çaram a chegar os primeiros caminheiros, que logo se juntaram para o pequeno-almoço servido em frente ao salão da ARCPA, num bonito espaço preparado para o efeito e que contribuiu, desde logo, para um arranque em beleza, como o demonstram as fotos que publicamos.

Já com a energia no máximo e com muita vontade de caminhar, fizeram-se à estrada e percorreram cerca de 6 km, desde o Ríchão até ao Barrabás e mais 2 km na Linha do Tua, de Santa Luzia até ao S. Lourenço, tendo havido alguns resistentes que fizeram o resto do percurso a pé, até ao Pombal!

As paisagens belas do vale do Tua serviram para tirar muitas fotografias e guardar memórias daquele que será certamente um dos últimos passeios por este trajeto da Linha. As mudanças são já bem visíveis, desde o levantamento dos carris à inexis-

tência da estação de Santa Luzia, passando pelo corte de muitas árvores e pela construção de um cais na Estação de S. Lourenço. Foi com alguma tristeza e uma boa dose de nostalgia que percorremos aquele troço da Linha do Tua, pensando que não haverá provavelmente uma próxima vez, pois aproxima-se o dia D, o dia em que a albufeira começará a encher, ocultando assim muitas das nossa memória de infância e juventude, como os locais onde habitualmente nos banhávamos, os locais onde pela primeira vez atravessávamos o rio, num ritual de passagem que confirmava as nossas capacidades e um novo estado de jovem ou adulto.

A pouco e pouco, em grupos maiores ou mais pequenos, individualmente ou nem por isso, foram chegando os caminheiros ao S. Lourenço, sendo transportados ao Pombal pelo autocarro do Município, o que desde já

agradecemos.

Chegados então à Associação, foi rápido que se deu início ao tão aguardado almoço, do qual muitos teceram elogios! Não podemos deixar de agradecer à nossa cozinheira de serviço, a D. Leonor, que esteve claramente à altura com o seu arroz à Valenciana, de comer e chorar por mais. Após alguma agitação inicial, a pouco e pouco a organização foi respondendo, com a ajuda de alguns voluntários de boa vontade e no final, tudo esteve a contento.

A ARCPA agradece a todos os que ajudaram na realização e organização deste passeio, e reforça a ideia de que sem os sócios, nada disto é possível!

Enquanto houver quem se interesse nas atividades que se vão concretizando, teremos sempre o maior gosto e empenho em realizá-las.













## Crónicas de uma pombalense

Escola pública e ensino privado

*Herminia Almeida*



O assunto está na ordem do dia e não deixa de ser polémico.

Há muito tempo que o Estado português financia escolas privadas. Os chamados contratos de associação foram estabelecidos com escolas particulares na década de oitenta para resolver as necessidades educativas em locais do país onde as escolas públicas não eram suficientes. Os colégios privados, abrangidos por esta medida, podiam, assim, abrir turmas totalmente financiadas pelo Estado, não implicando qualquer pagamento pelas famílias dos estudantes.

Estima-se que, atualmente, cerca de 45.000 alunos, do 7.º ano ao 12.º ano frequentem o ensino privado neste regime, recebendo os colégios, por cada turma, cerca de 80.500 euros anuais.

Até há relativamente pouco tempo, este assunto não constituía um problema para o Ministério da Educação, nem para a sociedade portuguesa em geral. Acontece que o sistema de ensino, por razões várias, tem vindo a perder, progressivamente, alunos. Lembrar-se-ão os leitores, certamente, de funcionar até há poucos anos, na nossa aldeia, a escola primária com alunos suficientes para formar uma turma e dar trabalho a pelo menos um professor. No meu tempo funcionavam, ainda, as duas salas de aula. Mas a desertificação de muitas regiões do país, a diminuição do número de nascimentos e as medidas tomadas pelo Ministério da Educação para reduzir os custos mudaram, por completo, o panorama nacional. Contam-se

pelos dedos das mãos, as aldeias onde a escola primária continua aberta para a função para a qual foi criada e nas vilas e cidades, por esse país fora, a maioria das escolas públicas debate-se, de ano letivo para ano letivo, com a progressiva redução do número de turmas.

Ora, esta questão agrava-se quando há escolas públicas com falta de alunos a funcionar ao lado de escolas privadas com turmas financiadas pelo Estado. É precisamente nesta ferida que o atual Ministro da Educação quer tocar, pretendendo que a partir do próximo ano letivo deixem de ser financiadas novas turmas em colégios privados, em zonas onde exista escola pública.

Como profissional da educação que sou, há mais de 25 anos, não

posso estar mais de acordo com esta medida. Nos últimos anos, tal como tantos outros profissionais da minha área, tenho sofrido na pele os efeitos da redução de turmas no Agrupamento de Escolas ao qual pertenço, havendo a poucos quilómetros um colégio financiado pelo Estado.

É certo que as novas regras para o ensino privado, definidas pelo Ministério da Educação, terão consequências negativas para as instituições que vierem a ser afetadas por elas. Muitos colégios privados, com contrato de associação correm o risco de fechar, muitos profissionais serão dispensados, mas no Estado Democrático em que vivemos, é prioritário, em matéria de educação, defender a escola pública usando bem o dinheiro que é de todos.



## Exposição de Fotografia no CITICA

### "Aldeias de Ansiães", de Fátima Santos

*Fernanda Natália Pereira*



Foi inaugurada no dia 20 de maio, na Galeria Alberto Carneiro, no CITICA, uma exposição de fotografia intitulada "Aldeias de Ansiães" da autoria de Fátima Santos.

São mais de três dezenas de fotografias que retratam na generalidade, especificidades de muitas aldeias do concelho de Carrazeda de Ansiães. Destacam-se bons registos da arquitetura tradicional de Trás-os-Montes que permitem, a quem conheceu estas construções ainda habitadas, recordar vivências, fa-

zer emergir memórias que acabam por fazer parte da sua própria identidade. Para quem já só as conheceu no estado de degradação em que agora se encontram, julgamos que tem uma função didática, na medida as fotografias expostas "ensinam" sobre a estrutura das construções, sobre os materiais e parte do "modus vivendi" de quem ali habitou. Para aqueles que se deixam levar pela imaginação, que dão asas ao pensamento, fazendo viagens intemporais e sem limites, esta exposição

acaba por ser um bom mote para reconstruir vivências, imaginar casais usando os seus fatos domingueiros, debruçados nos varandins de madeira emoldurados por coloridas sardineiras. Hoje, a madeira vai apodrecendo, o tempo vai deixando as suas marcas no estuque mas, mesmo assim, são construções que mantêm muito de fascinante, como cultura de um povo e de uma região.

Esta exposição ficará aberta ao público até ao dia 20 de Junho.





# Notícias da Capital

## Os mistérios do Rossio

Susana Bento



Quando escrevi o artigo anterior mal podia imaginar que abordar tão sagrado e venerável tema arrancaria das memórias do Rossio... a sua mais importante estátua!

Será que o cavalo branco de D. Sebastião acordou?... Será chegado o tempo que antecede a manhã de nevoeiro, em que o nosso sagrado e venerável Sabastiós, a cavalo no seu belo animal branco como o céu, desbrava os caminhos do retorno?...

Na passada terça-feira, dia 3 de Maio de 2016, um jovem de 24 anos acordaria também para “um sonho”: tirar uma “selfie” junto da estátua de D. Sebastião, precisamente na fachada da estação do Rossio. Sonhos centrais, uma espécie de centro de vida que faz girar sem fuga. Uma centrifugação de tal ordem que dá para voar

demais. Deve ter sido isto, mais ou menos, o que o rapaz naquela noite sentiu. Pelas 23:50 decidiu-se a trepar para a estátua do rei e a fotografar-se junto dele. Não sei se a câmara ou o telemóvel que utilizou sobreviveram ao incidente na central estação do Rossio, mas ele sim. Menos sorte teve a estátua que, é caso para dizer, se estatelou no chão, despedaçada. Despedaçado fica agora também o património nacional, que foi de imediato tema de preocupação. É que as estátuas públicas relativas a D. Sebastião não abundam no país e esta, além do mais, era central como a estação. Agora há o problema da sua reposição depois de uma cuidada restauração. A entidade responsável pelo edifício assegurou que a estátua estava em boa conservação e que não seria necessário colocar es-

tacas metálicas na sua reposição. O que não era suposto era subir para as fachadas dos edifícios (sobretudo com tão peculiar arquitectura) para concretizar o sonho de mais uma espectacular “selfie”. Espectáculo foi o que os dois agentes da PSP a passar ali naquela hora viram, um espanto de estilhaços, sem feridos para além da escultura-reliquia... uma ferida que fica, por quanto tempo? Espero que não seja muito alongado, pois a fachada fica descurada e despida, como poderão ver nas imagens deste artigo. Os pedaços de D. Sebastião revelam-se cinzentos e tristes: teria sido também assim, na desgraçada batalha de Alcácer-Quibir?...

Mas... eis que, uma semana depois do incidente, o país é informado que há uma estátua idêntica no actual Instituto de

Oftalmologia D. G. P., instalado no antigo Palácio de Penamacor. Os Condes de Penamacor mantinham fortes relações com a monarquia e o engenheiro encarregado pela Estação Central, Edmund Bartissol, frequentava várias vezes o Palácio. Talvez por isso estivesse ali uma outra “réplica” que, curiosamente, foi encontrada há pouco tempo numa arrecadação das instalações do instituto.

Com estas notícias da capital adivinha-se que um segundo D. Sebastião vem a caminho do Rossio. E fica a pergunta então: e a caminho da pátria, é à terceira?! Lá diz o velho ditado que “à terceira é de vez”. Ficaremos então à espera da manhã de nevoeiro e do cavalo branco que dele romperá com o nosso rei-mito.



## Inauguração de Esculturas Carrazeda de Ansiães

*Fernanda Natália Pereira*

No dia 8 de maio, o “Museu Internacional de Escultura Contemporânea ao Ar Livre”, de Carrazeda de Ansiães, ficou mais enriquecido. Foram inauguradas duas esculturas: uma

de Hélder Carvalho, denominada “Pedras de Identidade” e outra de Paulo Moura designada “Interior(es)”.

Em complementaridade, foi também inaugurada a exposi-

ção de novas obras de Alberto Carneiro na sala de exposições com o seu nome no CITICA.

Considerámos que não havia melhor forma de descrever as esculturas inauguradas do que

fazê-lo pelas palavras dos próprios escultores. Assim, os textos aqui reproduzidos na íntegra, são da autoria dos mesmos.

### “Pedras de Identidade”

“Foi em 1734 que a sede de concelho foi transladada do Castelo de Ansiães para o planalto onde hoje se estende a vila de Carrazeda de Ansiães. Este acontecimento terá tido a maior relevância nesse período da nossa história e perdurou no imaginário popular até hoje.

Confrontavam-se duas concepções: por um lado a pretensão de encontrar outro espaço mais sadio e com centralidade para se habitar à época e, por outro lado, a valorização da importância do simbólico e identitário do lugar original.

No confronto de posições, imagino uma frente conservadora e defensora dos privilégios e da herança histórica e, a outra, voltada para uma perspectiva mais desafiadora e dirigida para o futuro, mais confiante e aberta a novos desideratos.

Os fundamentos em disputa ganharam relevância e consta que as posições terão sido assumidas com extremo radicalismo. Atesta-o a histórica descrição da reacção popular à decisão da mudança da comarca, determinada simbolicamente pelo Juiz de Fora, Francisco Araújo e Costa, ao mandar quebrar o pelourinho do Castelo e instaurar a construção de outro renovado. Já na nova vila de Carrazeda de Ansiães.

A história sempre se estabeleceu num dualismo entre fundametações conservadoras e mais progressistas que, na sua dialéctica, vão determinando o caminho da evolução humana.

O projecto da escultura que proponho, procura interpretar

plasticamente este conceito dicotómico e remete para a importância de se saber ajuizar e decidir, valorizando equilibradamente os factores em apreço.

A implantação da escultura, frente à Praça do Município reveste-se de valorização emblemática já que se trata do lugar à volta do qual se instala o poder administrativo e se acredita que voltará a existir o poder judicial. Aqui se planeia, se decide e determina o futuro.

A escultura constitui-se neste espaço como um elemento simbólico que nos referencie um facto histórico cujo significado na história do concelho testemunha o querer e perseverança em busca de um futuro melhor. Em concreto, interpreta-se assim o acto simbólico do quebrar do antigo pelourinho do Castelo de Ansiães.

Sabe-se pelo que resta deste que, do capitel fazia parte o rosto esculpido de um velho ancião. No essencial, a escultura é constituída por dois blocos de pedra e de forma/base paralelepípedica. Modela-se em duas faces conjuntas, um fragmento do rosto de um velho. Na sua instalação, as faces dispõem-se desunidas, representando o rosto do ancião, fracturado a meio. A disposição desconjunta dos dois blocos esculpidos, sugere então a ideia de ruína e destruição intencional, da forma originalmente moldada.

Assim, e para lá da forma plástica da escultura que se pretende contemporânea importa interpretar a marca simbólica que esta contém na sua alusão a um acontecimento que marcou, indelevelmente, a história do nosso concelho.”





## “Interior(es)”, de Paulo Moura

“A arte baseia-se na vida, porém não como matéria mas como forma. Sendo a arte um produto direto do pensamento, é do pensamento que se serve como matéria; a forma vai buscá-la à vida. A obra de arte é um pensamento tornado vida: um desejo realizado de si mesmo. Como realizado tem que usar a forma da vida, que é essencialmente a realização; como realizado em si mesmo tem que tirar de si a matéria em que realiza.” (Fernando Pessoa)

“Como no pensamento, também eu procuro nas minhas vivências as simbologias que desenvolvem os projetos artísticos e em matéria transmitam formas e estas, os objetos, a escultura.

Procuro as minhas raízes, que guardam em si um passado, mostrando-se reveladoras de um presente sempre atual. Quem fomos e quem somos?...a sua sustentabilidade assenta na interioridade e na diversidade de formas naturais de raízes que nos rodeiam, no hemisfério dessas vivências e trazem em si a mística revelação de uma identidade, abri-las, são como descobertas nos processos da vida!

Sempre que se concebem novas aberturas/fraturas na matéria, proporcionamos entrada de luz e um novo corpo se forma...; o lado interno torna-se externo, o interior deixa de o ser e outros interiores surgem, mas, a descoberta é sempre associada a uma nova configuração, a um novo ser, a uma nova vida!

O granito é a materialização do objeto; a abertura é o método; o pensamento é a matéria; A arte é a forma; a forma...a vida!

A forma física, o objeto, emerge na sua base erigido na configuração de um quadrado que está associado à simbologia do domínio da racionalidade e da neutralidade, que pela sua figura angular e contrastante é a forma mais ligada ao mundo da tridimensionalidade, mundo em que a escultura se integra. Associa-se também ao pensamento cartesiano, analítico, agregando significados como firmeza, organização, solidez, sobriedade, repouso, passividade, estrutura, estabilidade, ordem, precisão de cálculo e perfeição matemática.

Simbolicamente abrir a matéria, pretende significar a mutação de todos estes adjetivos; a intervenção artística, o objeto, fruto dessa vivência, agrega também significados opostos aos explanados. Ela, como a vida, também é dúvida, instabilidade, excesso, trabalho, ação, desorganização, desordem, defeito, falha...

Foi então preciso voltar a organizar na mente e no espaço físico a materialização do objeto, a composição estética; a verticalidade assumiu um papel preponderante na sua construção. As linhas verticais sugerem simbolicamente elevação, movimento ascendente, atividade, associados à mente. Expressam equilíbrio na desconstrução, este porém instável, como se nada protegesse e estivesse prestes a cair.

Esta sobreposição vertical dos elementos confinou numa espiral interna no espaço vazio, traduzindo um movimento aparentemente ascendente que lhe confere em termos simbólicos o aspeto formal da videira, na sua morfologia contorcida e numa procura constante de um espaço no infinito.”







# Património e Cidadania

Na Grécia: Opá!

Fernando Figueiredo



Uma das riquezas da União Europeia pode ser a sua grande diversidade. Assim o devem entender os responsáveis que a governam. Não a valorizando, só encontrarão problemas e surpresas, que não sei até que ponto a própria União poderá ir enfrentando e superando.

Vem isto a propósito da Grécia, país que tem sido tão mal tratado por políticos europeus e portugueses, representando uma Direita de interesses, por vezes com algumas razões objectivas sobre aspectos a corrigir, mas fazendo-o sempre de uma maneira desnecessariamente diferenciadora, não fundamentada, quando não descabida, ignóbil e preconceituosa, sobretudo depois da subida ao poder do Cyriza, de Alexis Tsipras. Para essa Direita, o partido e o homem, sem nunca antes terem governado o País, já eram responsabilizados por tudo o que havia de mau nele, mesmo antes de começarem a governar... Depois, passaram a apresentá-lo e a tratá-lo como um mau exemplo da democracia, modelo que só apreciam quando lhes é favorável... Além do mais, parece que o próprio país se lhes tornou “maldito”! Tanto rigor para com os outros e tão pouca ou nenhuma autocritica! Os gregos pareceram-me bem mais compreensivos e informados acerca dos problemas comuns que nós

e eles enfrentamos...

Não é tanto de política que quero falar (mas não é proibido e muito menos pecado!). Aliás, foi o filósofo grego Aristóteles que definiu o Homem como um “animal político”.

No entanto, hoje pretendo falar um pouco sobre a Grécia, tal como a vi recentemente.

Ao viajante, mais do que ao natural que a isso está habituado, sobressai a composição da terra, com uma predominância continental, onde cerca de 85% são montanhas e os restantes 15% se compõem de planícies, com olival, vinha, cereais, pastagens, árvores de fruta e produtos hortícolas. Vê-se muita mecanização e o aproveitamento parece bem conseguido. Acresce uma imensidão de ilhas (cerca de 1400), grande parte das quais desabitadas (mais de 1100), dispersas pelos Mar Egeu e Mar Jónico, o que confere ao país uma extrema insularidade que não tem semelhança com qualquer outro da União Europeia. Este factor parece-me muito importante quando esta é vista no seu todo e, como tal, tem que ser solidária com os diversos elementos que a integram.

Para se fazer uma pequena ideia do que custa esta imensa e dispersa insularidade, de modo a garantir o mínimo de coesão nacional e da defesa, pense-se no que despende Portugal para

assegurar o mesmo apenas nos Açores e na Madeira...

Por outro lado, o desequilíbrio da distribuição populacional é evidente: Atenas, com mais de 4,5 milhões de habitantes, é uma cidade gigantesca para o tipo de país que, no seu todo, tem cerca de 11 milhões. Daqui resulta uma grande concentração na capital e nas imediações do Porto do Pireu, enquanto no resto do país a população se agrupa em cidades quase todas de pequena dimensão (exceptuando Tessalónica e Patra) e em povoações dispersas. Esta dispersão é ainda extremamente mais visível nas cerca das 200 ilhas habitadas.

Urbanisticamente, pareceu-me um país equilibrado, com habitações cuidadas e com muito aproveitamento da energia solar. A predominância de cores claras resulta ajustada e está bem longe das sombrias manchas dos bairros das cidades dos países nórdicos.

A Grécia (antiga Hélade), como país moderno e independente é uma criação recente (1821), depois de, ao longo de séculos, ter feito parte de vários impérios (Macedónio, Romano, Bizantino, Otomano). No entanto, já os antigos povos que, sucessivamente, se haviam instalado no compartimentado território, tinham a noção de constituírem uma única Nação, apesar de, politicamente, se encontrarem divididos em cidades-estados, agrupadas ou não em confederações. A língua, a religião, a cultura, os jogos, as festividades pan-helénicas, etc. davam-lhes esse sentido de unidade. E isso desde muito cedo. Basta recordar que os Jogos Olímpicos, nos quais participavam atletas de toda a Grécia, datam do ano de 776 a. C. Bem antes da democracia (Séc. V a. C.).

Ouvi dizer a alguns detractores, ofuscados apenas pela pers-

pectiva financeira, e como que a desculparem-se da maneira como os tratavam, que os Gregos de hoje não eram descendentes daqueles a quem a Humanidade muito devia. É claro que, tendo sido desde então dominada por diversos outros povos, a população local não deixou de sofrer miscigenação. No entanto, quando pôde, libertou-se do jugo estrangeiro, lutando pela independência e assumindo-se herdeira de todo um passado. Qual o povo europeu que, ao longo de séculos, não se misturou ou viu alterada a sua composição étnica, sem que por isso deixasse de assumir-se como tal? Pior do que a ignorância é o preconceito.

Na Grécia clássica, já ela influenciada por culturas mais antigas do Próximo Oriente, devido à sua posição geográfica, está o berço da Filosofia, da Arte, da Literatura, da História, da Cultura, da Ciência, da Democracia..., áreas que influenciaram posteriormente o Ocidente e deram origem à nossa maneira de estar e ao nosso modo de vida. Poderia haver maior dívida acerca do contributo deste país e da sua gente?

Foi extremamente gratificante, em termos culturais e simbólicos, ter estado no Teatro de Epidauro, nos lugares e ruínas de Olympia e de Delfos, nos mosteiros suspensos de Meteora, na Acrópole de Atenas e em muitos outros lugares, repletos de História, de passado e de simbolismo, à volta dos quais o mundo de então muito girou. Foi também uma felicidade poder apreciar muito do rico património recolhido e muitíssimo bem exposto em museus e templos. Felizmente, ainda há quem perceba e valorize tudo isto, pois eram muitas as visitas de estudo, com professores, alunos e pessoas de várias partes do mundo.





Um outro aspecto, sobre o qual quero deixar algumas referências, é a questão religiosa. A religião predominante no país é o Cristianismo Ortodoxo. O Estado grego é oficialmente neutro nesta matéria, mas torna-se visível a colagem que a Igreja tenta fazer ao mesmo Estado para disso continuar a tirar vantagens. Um sinal exterior é a colocação de uma bandeira grega nos templos, flutuando ao lado da eclesiástica. Não se trata de um mero acto simbólico. Com efeito, a Igreja Ortodoxa Grega é rica, poderosa e influente. Os templos são onnipresentes, alguns grandiosos e sumptuosos, ricamente ornamentados e encontram-se quase todos muito bem conservados. Os ícones de tipo bizantino, reproduzindo sobretudo Cristo, a Virgem e outras grandes figuras do Cristianismo, são de uma beleza extraordinária e de uma riqueza incalculável. Tal não seria possível sem recursos próprios e ajudas estatais, ao longo de muito tempo. Mas a não tributação do valioso e extenso património eclesiástico parece aos cidadãos uma injustiça, sobretudo em tempo de grandes dificuldades, e talvez o Estado laico tenha que alterar este privilégio, o que não parece fácil. Não sei se Tsipras querará abrir essa delicada frente de batalha numa época tão complexa e sensível.

Sendo o Turismo um sector muito importante na Grécia, há que reconhecer que o país se encontra para tal bem preparado: boa preservação dos locais arqueológicos, bons museus,

como óptimas colecções, diversidade de oferta, bons e cuidados acessos dos lugares a visitar, bem sinalizados, bom serviço de cafetaria e sanitários, serviços de apoio em língua local, inglês e outras, bons barcos de cruzeiro, capacidade hoteleira, simpatia, segurança...

No reduzido contacto que tive com a população, encontrei gente alegre e confiante, que canta e dança, mas magoada por ter sido esmagada com exigências, como punição por um crime que sentem não ter cometido. Mas lá, muito mais do que cá, protestam e fazem-se ouvir, independentemente de quem governa. A isso chama-se consciência cívica, só excedida e condenável quando mete violência e destruição.

Os sinais da crise são notórios, sobretudo em Atenas e imediações. Na baixa da cidade, foram muitas as lojas que fecharam; na periferia, o abandono e a degradação das instalações de algumas fábricas e empresas também não deixam dúvidas. Não são tão visíveis os sinais de pobreza e de miséria nas ruas, aos quais os Governos parecem ter estado mais atentos. Em todo o caso, acho que os Gregos, ao longo de todo este processo, que remonta a 2008, têm dado sinais de grande dignidade. Veja-se como, recentemente, apesar das dificuldades, recebem e alojam os refugiados, acossados pelas bombas e escuraçados dos seus países e vizinhos, ainda que irmãos na crença.

Perante a crise, tal como noutros quadrantes, nomeadamen-

te em Portugal, muitos dos que puderam, colocaram dinheiro a salvo e transferiram a sede das empresas para países onde pagam impostos mais baixos, sendo o caso mais flagrante o dos armadores da marinha mercante, 25% dos quais já mudaram a sede fiscal para a Bulgária, país da EU, mas não do euro. Grandes patriotas! Lá como cá, há que contar com eles, quase sempre os mais inflamados nacionalistas em boas horas...

Depois destas considerações dispersas e sucintas, para não cansar os leitores, gostaria de colocar esta questão de fundo: Deve a Grécia (tal como o Reino Unido, por outras razões, identicamente importantes) fazer parte da União Europeia ou não, independentemente dos custos a pagar? Esclareça-se que custos é uma coisa e a correcção de desmandos, mas não como, muitas vezes, no-los apresentam, é outra.

A minha resposta é claramente sim. Aliás, sem a Grécia no seu seio, a União Europeia não existe nem tem sentido. Ali está o próprio berço do que caracteriza e distingue, sobretudo uma Europa de valores. Só a ignorância e os interesses imediatos e mesquinhos podem fazê-lo esquecer. Cabe aos outros contrariá-lo.

Se esta vertente da União Europeia tivesse avançado no sentido do Federalismo, neste momento haveria já uma harmonização que talvez dissipasse ou amenizasse problemas que geraram a crise e motivaram os subsequentes resgates da Grécia,

Irlanda e Portugal. Mas as forças de Direita fizeram tudo para impedir tal avanço, em nome de um nacionalismo serôdio que, quando os seus interesses se encontram ameaçados, são os primeiros a largar. Agora, até lamentam termos chegado a este ponto, como que nada tenham a ver com isso! Alguma vez quise-ram uma Europa solidária?

Os países pequenos, como a Grécia, têm sido parte menor na definição das grandes linhas de actuação da União Europeia. Mas têm-lhe sofrido as consequências. Isso tornou-se mais notório com a adesão ao euro.

Espero que a questão financeira, em grande parte resultante da adopção do euro, não ofusque o que é mais essencial, e que a União Europeia valorize não só o antigo papel da Grécia, mas também a sua actual posição privilegiada e por isso também frágil, no necessário e incessante contacto entre o Ocidente e o Oriente, que ali se encontram.

Ali começa uma Europa com a qual nos identificamos e um espaço de liberdade e de cultura que pretendemos defender e estender a outros povos, nomeadamente aos que lhe ficam a Oriente. Não compreender isto, pode ser fatal para a Grécia, mas também para a União Europeia, onde eles, tal como eu, querem estar, mas de outro modo.

Na Grécia, em momentos de alegria, diversão, júbilo, incentivo..., dão-se as mãos, levantam-se os braços e lança-se o grito colectivo: OPÁ (Olé) !...





## Fraga da Ola

1º Lugar no Concurso "As Maravilhas de Trás-os-Montes"

*Fernanda Natália Pereira*



O NERBA (Associação Empresarial do Distrito de Bragança), promoveu um concurso denominado "As Maravilhas de Trás-os-Montes", integrado na Expo Trás-os-Montes que decorreu no último fim-de-semana de maio. Este concurso pretendia "sensibilizar a população para a importância estratégica das Maravilhas de Trás-os-Montes, no contexto do desenvolvimento económico e cultural de Trás-os-Montes" e, ainda, "incentivar o envolvimento e a criatividade dos Transmontanos na defesa do seu património". A votação foi feita on-line

através das redes sociais e, a Fraga da Ola, localizada entre as localidades de Pinhal do Douro e Coleja - Carrazeda de Ansiães ganhou o 1.º lugar com mais de seiscientos votos e com uma vantagem superior a duzentos votos sobre o segundo classificado, "Paisagem Protegida do Azibo".

Esta queda de água natural possui uma beleza quase indescritível, cuja grandiosidade está no facto de ser visível a uma grande distância quilométrica, dando mostras da sua imponência. As suas águas provêm do Ribeiro do Coito, que antes de chegarem à

Fraga da Ola fazem mover mais de uma dezena de moinhos de rodízio e, mesmo assim, não perdem a sua intensidade de corrente.

Esta fraga granítica tem um deslize acima dos 100 metros o que lhe confere rara beleza em anos chuvosos, como o que decorre.

A mesma, aparece citada nas memórias paroquiais de 1758 de Vilarinho da Castanheira, sendo, então, associada a um local de práticas de feitiçaria, especialmente escolhido para as ditas feiticeiras fazerem "danças e fol-

guedos", sendo, inclusive, citado em diversos autos de fé durante o período da Inquisição.

Se o imaginário popular o associou a um local apazível para seres com poderes sobre humanos, a verdade é que a sua beleza não passa despercebida ao comum cidadão que aprecia estas dádivas da Natureza.

Este prémio vem reforçar não só a Fraga da Ola, cujo prémio é bem merecido, mas também acaba por ser um meio de divulgação do património natural do concelho de Carrazeda de Ansiães.